O estudo do humanismo em *Heautontimoroumenos* *The humanism study in Heautontimoroumenos* *El estudio del humanismo en Heautontimoroumenos*

Trata-se do estudo de um tema do teatro romano, o humanismo. O autor é o liberto cartaginês Publius Terentius Afer, e a peça, *Heautontimoroumenos*. O enredo é apresentado através de versos-chave, onde o tema vai-se esclarecendo. Em seguida, é demonstrada a influência da obra junto aos clássicos e aos modernos, que a ela muitas vezes se referem. O tema é retomado por autores como Cícero, Horácio, Molière, Diderot e muitos outros, o que revela sua incontestável importância até os dias de hoje.

It is about a studying of a Roman Theater theme, the humanism, in *Heautontimoroumenos*: the author is Publius Terentius Afer. The plot is presented through the key verses, where the theme is being itself explained. Following, is demonstrated the work influence into the classical and moderns, what it is most of time referred. The theme is retaken by authors as Cicero, Horatius, Molière, Diderot and others, that reveals its indisputable importance until our days.

Se trata del estudio de un tema del teatro romano, el humanismo. El autor es el liberto cartaginés Publius Terentius Afer, y la pieza *Heautontimoroumenos*. La trama es presentada por medio de versos-clave, donde el tema se va esclareciendo. Enseguida es demostrada la influencia de la obra junto a los clásicos y a los modernos, que a ella muchas veces se refieren. El tema es retomado por autores como Cicero, Horatius, Molière, Diderot y muchos otros, lo que revela su inestimable importancia hasta el día de hoy.

Palavras-chave: literatura latina, Terêncio, teatro, humanismo, versos-chave.

Autor:

Prof. Abner Chiquieri

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Licenciado e Bacharel em Letras. Pós-graduado pela Université de Paris III e Paris VIII. Professor de Cultura Romana, no curso de História, e de Produção de Textos, no curso de Ciências Econômicas, da UFRRJ. E-mail: chiquieri@terra.com.br

Introdução

Terêncio e sua obra

HEAUTONTIMOROUMENOS é uma peça teatral do escritor Publius Terentius Afer, nascido em 185 a. C. e falecido em 159 a. C. Enquadra-se, portanto, na fase de preparação da literatura latina, que encerra o período que vai desde os primórdios da língua latina até o ano 100 a. C., aproximadamente, quando a influência helênica era ainda muito forte. Além disso, como denuncia o *cognomen* (Afer), Terêncio era cartaginês. Africana, Cartago tinha muito mais de grego que de romano.

Terêncio chegou a Roma como escravo. Alforriado, gozou da estima de vários homens públicos, principalmente de Cipião Emiliano, destruidor de Cartago. Como morreu jovem, algumas de suas peças foram atribuídas a Cipião ou a Lélcio. Seis delas nos chegaram: *Andria*, *Hecyra*, *Heautontimoroumenos*, *Eunuchus*, *Phormio*, *Adelphoi*, todas escritas antes de partir para a Grécia, onde fora aperfeiçoar seus conhecimentos no campo do teatro. Naufragou o navio que traria de lá outras peças suas.

Terêncio imitou, pois, os gregos, em particular Menandro, como o fizera Plauto (254 a. C. a 184 a. C.). Melhor que este, porém, soube caracterizar seus personagens, fazendo um teatro mais culto, menos engraçado, dizem alguns, dotado de profunda psicologia, tendo em vista educar e formar uma sociedade. Estilo correto, claro, mas

familiar, suas comédias se enquadram, segundo a denominação ática, nas fábulas paliáticas ou *palliata*, ora com cenas de movimentação (*palliata motoria*), ora sem movimentação (*palliata stataria*), ora mistas (*palliata mixta*). *Heautontimoroumenos* é uma *palliata stataria* (... *statarium agere ut liceat*..., cf. verso 36), montada em diálogos ("In hac est pura oratio...", cf. verso 46).

Para personagens, Terêncio aprecia jovens impulsivos, mas respeitosos com os pais; velhos indulgentes, mas cheios de dignidade; escravos astutos, mas devotados e solícitos; mulheres firmes de caráter, como deveria ser a mulher grega, mais que a matrona romana.

A peça foi apresentada primeiramente em 163 a. C. e, depois, em 146 a. C. Eis o resumo do enredo. Clínia ama uma jovem pobre, Antiphila, contra a vontade de seu pai, Menédemo, que, perseguindo-o, consegue que ele se decida a partir para a Ásia, guerrear. Desde esse momento, Menédemo, arrependido, se castiga pela sua severidade com o filho, e daí o nome da peça: *Heautontimoroumenos* — do grego *cauton timwroumeno* V — aquele que se castiga a si próprio.

Clínia volta e, sem que seu pai o saiba, procura seu amigo Clitiphon, filho de Chremes, vizinho de Menédemo. Clitiphon ama Bacchis, uma cortesã, e necessita de dinheiro para satisfazer seus caprichos. Syrus, seu escravo, se encarregará disso. Persuade, então, a Chremes de que é Clínia quem ama Bacchis e o faz seu cúmplice, para conseguir de Menédemo, algum dinheiro.

Menédemo, sabendo que o filho está de volta, fará a ele qualquer sacrifício. Chremes conta a Menédemo que Antiphila é uma pobre cativa de Bacchis e que é preciso muito dinheiro para libertá-la.

No entanto, Sostrata, mulher de Chremes, descobre, através de um anel, que Antiphila é sua filha, que, para agradar a Chremes, fora, há muito tempo, abandonada.

Depois de sérias complicações, tudo termina quando Chremes recebe de volta a filha antes renegada, e vem a saber que Bacchis é a amante de seu filho. Deserdar-o, antes de mais nada, mas depois o perdoo, com a condição de que ele se case com

outra moça. Enfim, Menédemo, sabendo que Antiphila é a filha do seu amigo, consente com o casamento de Clínia.

A ação se passa em Halai, vizinha cidade de Atenas, no dia das festas "dionisíacas" (*"Dionysia hic sunt hodie"*, cf. verso 162). Os personagens se apresentam num cenário que corresponde a uma praça, com as casas dos principais envolvidos, ao lado do campo onde Menédemo cultiva a terra. É ali mesmo que ele se impõe o castigo de trabalhar furiosamente, quando é interpelado por Chremes, seu vizinho.

A nota característica da peça e, ao mesmo tempo, o que contribuiu para o seu sucesso, tanto em relação aos clássicos quanto aos modernos, é a atitude de Menédemo, o castigador de si mesmo, numa atitude que se prende mais ao espírito cristão que à moral de inspiração pagã. São, também, algumas máximas humanistas, tais como o *homo sum* de Chremes, que elevam a peça acima do nível de comédia.

É, ainda, o caráter de humanidade e de profunda sensibilidade o que mais impressiona nos versos que sugeriram não poucas páginas da literatura moderna. Terêncio visou ao *homo integral*; é o humanismo que arrancou aplausos entusiásticos, em todas as épocas iluminadas pelo sadio humanismo.

2. O Humanismo

"Homo sum: humani nihil a me alienum puto."

(*Heautontimoroumenos*, v. 77)

Assim se expressa Santo Agostinho, o Doutor da Graça, sobre o famoso verso 77: "A primeira vez que se ouviu pronunciar em Roma este belo verso de Terêncio, ergueu-se no anfiteatro um aplauso universal; não se achou um só homem, numa assembleia tão numerosa, composta de Romanos e de enviados de todas as nações já submetidas ou aliadas ao Império, que não parecesse sensível a este grito da natureza."

É mister considerar-se a importância dessa peça no que ela apresenta de superior à mentalidade da época, que é justamente essa tendência humanístico-cristã, num período em que a vinda de Cristo e sua doutrina apenas eram anunciadas pelos profetas. Num período em que os homens são transformados em deuses. Hoje, diríamos que os homens são convertidos em máquina. Só o aparecimento do cristianismo veio esclarecer devidamente o ideal de perfeição humana. Para atingir a esse ideal, é necessário *ser homem* – eis a doutrina do humanismo, tão relacionada com o cristianismo.

O período de preparação da literatura latina vem, desta forma, corresponder ao humanismo anteclassico, ou seja ao despontar do ideal humanístico. O humanismo, nessa obra de Terêncio, é digno de ser notado desde o início do enredo, quando Chremes começa a se interessar pelo seu vizinho, ainda que o não conheça, senão há alguns dias, e nunca tenha tido com ele nenhuma relação de amizade.

"Quamquam haec inter nos nuper notitia admodumst..." (v. 53)

"Ainda que o nosso conhecimento seja recente..."

Bastou, para isso, o mérito pessoal de Menédemo como homem e como seu vizinho, para que se tornasse motivo de interesse do outro:

"Tamen uel virtus tua... uel uicinitas..." (v. 56)

"Contudo, tua virtude... ou a proximidade..."

Sua atitude não condizia com sua situação. Menédemo, além de velho, era rico, mas trabalhava desesperadamente no campo. Era o castigo que se impusera por ter sido severo com o filho, castigo tão próximo à penitência, que sucede ao arrependimento.

No entanto, ele se irrita a ponto de perguntar a Chremes:

"Chreme, tantumne ab re tuast oti tibi"

Aliena ut cures ea quae nihil ad te attinent." (v. 75-76)

"Chremes, tuas tarefas te deixam tanto lazer, que te ocupas das dos outros, que não te dizem respeito em nada."

Vem, então, a célebre resposta de Chremes:

"Homo sum: humani nihil a me alienum puto." (v. 77)

"Sou homem: julgo que nada do que é humano me é estranho."

Aos poucos, Chremes consegue penetrar no problema de seu vizinho. Uma resposta nos faz pressentir isso:

"An quoquam est usus homini se ut cruciet?"

- Mihi." (v. 81)

"Pode haver um homem que se determine a se submeter a um suplício?"

- Eu."

É, então, que, decididamente, Chremes se oferece para ajudá-lo, e com tanta insistência, que Menédemo cede ao seu desejo, a ponto de chegar às lágrimas.

"Siquid laborist, nollem; sed quid istuc mali est."

Quaeso? Quid de te tantum meruisti?"

Eheu!" (v. 82-83)

"Se você está sofrendo alguma pena, não me importa. Mas eu lhe pergunto qual é a sua desgraça? Que fez você para merecer tanto?"

É o próprio Chremes quem encontra a chave do problema. É a falta de conhecimento dos homens, no que eles possuem de humano, que os leva a cometer erros tais que seja mesmo difícil compreender-se a si mesmos.

O erro de Menédemo e de Clínia é a falta de conhecimento recíproco,

"... uerum nec tu illum satis novueras"

nec te ille..." (v. 153-154)

"... na verdade, nem tu o conhecias bastante,

nem ele a ti..."

ou a falta de confiança mútua:

"Tu illum numquam ostendisti quanti penderes"

Nec tibi ille est credere ausus quae est aequom patri." (v. 155-156)

"Tu nunca mostraste quanto caso fazias dele.

Nem ele ousou confiar a ti as coisas que se deve a um pai."

Mesmo tendo encontrado a causa do seu erro, Menédemo julga que o melhor modo de compensar-se é estar firme no propósito que fizera. Diante dessa persistência, Chremes só tem a se apiedar.

"... Lacrimas excussit mihi,

Miseretque me eius..." (v. 167-168)

"... Ele me arrancou lágrimas

E eu tive pena dele."

Isto, Chremes reafirmará mais adiante:

"Sic me di amabunt, ut me tuarum miseritumst,

Menedeme, fortunarum..." (v. 463-464)

"Tanta verdade há em que os deuses me amam, quanta em que eu sofro, Menédemo, pela tua sorte..."

E, de novo, a mesma idéia:

"Ita me di amabunt ut nunc Menedemi uicem"

Miseret me..." (v. 749-750)

"Os deuses me amarão tanto, quanto sofro

pela sorte de Menédemo..."

Ao saber da volta de Clínia, Chremes sente prazer em ser o primeiro a anunciar a seu vizinho a boa nova:

"... cesso pulsare ostium"

uicini, primum e me ut sciat sibi filium

redisse..." (v. 410-412)

"... Por que deixo de bater na porta

do vizinho, para que ele saiba primeiro de mim que seu filho voltou..."

A atitude dos jovens Clitiphon e Clínia, de se ajudarem, é digna de imitação por parte dos velhos, segundo o entendimento de Chremes.

*"Ita ut filium meu amico atque aequali suo
 Uideo inseruire et socium esse in negotiis,
 Nos quoque senes est aequom senibus obsequi."* (v. 417-419)

"Assim como vejo meu filho se aplicar na ajuda de seu amigo e seu igual e ser sócio em seus negócios é justo que nós velhos nos ajudemos também."

Sua preocupação, no entanto, vai além desse prazer simples, de anunciar ao vizinho a chegada do filho. Ele se preocupa em como anunciar:

*"Somnum hercle ego hac nocte oculis non uidi meis,
 Dum id quaero tibi qui filium restituerem..."* (v. 491-492)

"Por Hércules, não vi com os meus olhos, nesta noite, o sono, enquanto pensava como te restituiria teu filho..."

Menédemo, enfim, acredita na sinceridade de Chremes e o elogia.

"Cedo dextram; porro te idem oro ut facias, Chreme." (v. 493)

"Dá-me tua destra; peço-te que continues fazendo assim, Chremes."

Enquanto isso, Syrus prepara o ardil para roubar Menédemo. Chremes, sabendo disso, avisa a Menédemo, que chega à conclusão de que quase sempre os outros sabem mais dele que ele próprio, convertendo-se isso numa regra geral.

*"Ita comparatam esse hominum naturam omnium
 Aliena ut melius uideant et diiudicent
 Quam sua!..."* (v. 502-504)

"Assim é comparada a natureza de todos os homens, que melhor vejam e julguem os interesses alheios antes dos seus próprios..."

É possível que isso aconteça em virtude do excesso de contentamento ou tristeza diante de um fato, como, no caso, a volta de seu filho.

*"... An eo fit quia in re nostra aut gaudio
 sumus proepediti nimio aut aegritudine?"* (v. 505-506)

"... Aconteceria isso porque numa coisa que nos diz respeito nós ficamos cegos de alegria excessiva ou de tristeza?"

Isso é tão verdade, que, a partir do verso 920, há uma reviravolta em que cabe a Menédemo reconfortar Chremes, quando a desgraça cai sobre este. É, primeiramente, a cólera que o tira de si:

*"... Prae iracundia,
 Menedeme, non sum apud me..."* (v. 920-921)

"... Por causa da ira,
 Menédemo, não consigo me conter..."

Essa demonstração causa grande admiração em Menédemo, que, até agora, tinha sido ajudado por Chremes:

*"... Tene istuc loqui!
 Nonne id flagitimumst te aliis consilium dare,
 Foris sapere, tibi non posse te auxiliarier?"* (v. 921-923)

"... Falares assim tu!
 Não achas vergonhoso que dê conselho aos outros,
 que saibas para os outros, e não te possas socorrer?"

Muitas vezes, a primeira atitude do homem, quando precisa ser ajudado, é a de indignação, uma espécie de orgulho próprio ferido. Isso ocorreu com Menédemo:

"Mihi sic est usus: tibi ut opust facto face." (v. 80)

"Eu faço assim: faze tu como convém fazer."

E, agora, é a vez de Chremes:

"Mitte; sine me in hac re gerere mihi morem." (v. 947)

"Vai, deixa-me agir neste assunto de acordo com o meu costume."

Cabe, entretanto, a Menédemo se interessar pela desgraça do seu vizinho e, agora, achar essa atitude muito natural:

*"Scio tibi esse hoc grauius multo ac durius,
 cui fit; uerum ego haud minus aegre patior; id qui nescio
 nec rationem capio, nisi quod tibi bene ex animo uolo."* (v. 957-959)

"Sei que isto, para ti, a quem a coisa acontece, é bem mais penoso e mais duro; na verdade, não sofro menos, eu que não sei nada, nem me dou conta, a não ser que te quero muito bem, de todo coração."

Menédemo e Chremes são os dois personagens mais importantes do quadro humano nessa peça. Aquele, rígido e avaro, no começo, torna-se, de repente, agradável e pródigo; este, humano e afetuoso, quando se trata da desgraça do outro, torna-se violento e injusto, quando se trata de seus interesses. Eis o paradoxo dramático, o eixo que controla o enredo.

3. A Repercussão nos Clássicos e nos Modernos

É celeberrimo o verso 77 do Heautontimoroumenos, que envolve um conceito ainda mais célebre que o próprio verso — o humanismo. No entanto, poucos se deram ao trabalho de aprofundar-se um pouco mais no conhecimento da importante obra do liberto cartaginês. O conceito do humanismo é importante, sua prática é importantíssima no mundo hodierno, dominado pela máquina e pela ambição, pelos mísseis e pela guerra. O que vemos hoje é um arremedo de humanismo, um humanismo empalidecido, ou disfarçado por agências internacionais, que nem são completamente respeitadas, principalmente pelos mais economicamente poderosos. Assim, a fé que Diderot tinha no progresso da civilização, hoje poderia ficar seriamente abalada.

O Chremes de Terêncio é parecido com o filósofo — *honnête homme* — que Diderot nos apresenta, em seu artigo para a *Encyclopédie: philosophe*. O filósofo, para Diderot, é um sábio, cheio de razão, o homem honesto e cheio de humanidade, para quem a sociedade é uma divindade sobre a terra: "aquele que sabe se dividir entre a solidão e a relação com os homens, e que se interessa pela má ou boa sorte do seu vizinho". "[...] notre philosophe qui sait se partager entre la retraite et le commerce des hommes est plein d'humanité. C'est le Chrémès de Térence qui sent qu'il est un homme et que la seule humanité interesse à la mauuaise ou à la bonne fortune de son voisin." (DIDEROT, apud LAGARDE; MICHARD, 1966, p. 239)

Além disso, quanta semelhança existe no resultado dessa peça com *L'École des Femmes*, de Molière, cujo personagem, Monsieur de la Souche, é deformado por suas paixões, e que, por sua imaginação, é o "castigador de si mesmo". Tanto Terêncio quanto Molière procuraram fazer-nos acreditar na verdade de que deve ser revestida a natureza humana e os prejuízos a que os caprichos dos homens e a sua falta de conhecimento mútuo podem arrastá-los.

Cícero, em seu tratado de moral *De Officiis*, quando desenvolve as causas da omissão dos deveres, cita, entre outras, a paixão pelo estudo, o egoísmo, o cuidado incansável dos interesses próprios. Eis o que os impede de defender o seu próximo, quando vítima de alguma injustiça. Assim se expressa:

[...] Est enim difficilis cura rerum alienarum. Quamquam Terentianus ille Chremes 'humani nihil a se alienum putat'; sed tamen, quia magis ea percipimus atque sentimus, quae nobis ipsis aut prospera aut aduersa eveniunt, quam illa quae ceteris, quae quasi longo intervallo interiecto videmus, aliter de illis ac de nobis iudicamus..." (DE OFFICIIS, I, 9, 30)

[...] É, pois, difícil o cuidado dos interesses alheios. Em vez de imitar aqueles Chremes Terenciano, para quem 'nada do

que era humano julgava alheio a si', contudo, porque sentimos excessivamente as coisas prósperas ou adversas que nos acontecem, mais do que aquelas que acontecem aos outros, que vemos como uma longa distância, julgamos diferentemente os outros de nós..."

Já em *De Legibus*, também um tratado filosófico, diz Cícero que o homem, por natureza, possui o sentimento de justiça, que o faz pensar que todos os homens devem se socorrer. São os maus costumes que os corrompem (o paralelo com o mito do bom selvagem de Rousseau é tentador, nesse momento), impedindo-os, assim, de agir conforme a natureza e, a exemplo do que diz Terêncio, julgar que tudo que é humano lhes deva interessar:

Sequitur igitur ad participandum alium ab alio communicandumque inter omnes justos natura nos esse factos; atque hoc in omni hac disputatione sic intelligi volo, quod dicam, naturam esse; tantum autem esse corruptelam malae consuetudinis, ut ab ea tanquam igniculi exstinguantur a natura dati, exorianturque et confirmantur vitia contraria. Quod si, quo modo est natura, sic iudicio homines, 'humani, ut ait poeta, nihil a se alienum putarent', coleretur jus aequum ab omnibus [...] (DE LEGIBUS, I, 2, 33).

Segue-se daí que a natureza nos fez para participarmos uns com os outros e nos comunicarmos entre os justos; e isto é o que, em toda discussão, quero entender que seja a natureza; mas tanta é a corrupção causada pelo mau costume, que as chamadas da natureza são extintas por ela, dão origem e asseguram vícios opostos. Se, conforme a natureza, estivesse o julgamento dos homens, 'nada de humano, como diz o poeta, julgasse alheio a si', o direito seria igualmente cultivado por todos [...].

Entre as diversas alusões feitas à peça, especialmente no que concerne à significação do título, de novo, aparece Cícero, em *Tusculanae disputationes*, tratado em que o autor mostra que o homem virtuoso é superior à morte, à dor e a todos os males. Claramente, esse estudo lembra Epicuro, para quem o prazer consiste na cultura do espírito e na prática da virtude. Epicuro preserva a vontade humana e a liberdade individual, incluindo em seu sistema a sociedade e a consciência moral. Sua *Carta sobre a felicidade* – Peri thV eudaimoniaV – versa sobre a conduta humana, tendo em vista alcançar a saúde do espírito. A relação entre dor e prazer, sentimentos tão presentes no trabalho de Menédemo, aí aparece num enfoque de causa e efeito: a dor, que nem sempre deve ser evitada, pode resultar em prazer. Também a dualidade vida e morte é contemplada; "[...] esta nada é para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui." (*Carta sobre a felicidade*). Assim se evidencia estreita relação entre os colegas gregos Epicuro e Menandro, e os latinos de séculos diferentes Terêncio e Cícero, aquele inspirado em Menandro; este, referenciando Terêncio.

Na segunda parte do terceiro livro das *Tusculanae*, diz Cícero que o tormento é uma doença. Diz mais, que a causa do tormento é a opinião, no sentido de *opinio*, uma falsa crença, uma falsa idéia do que seja certo, gerando a necessidade de uma compensação. Dá-nos, então, exemplos de terríveis tormentos; entre eles, cita o de Menédemo:

Quid ille Terentianus 'ipse se poeniens', id est, eauton timvroumenoV?

[...] Hic decernit ut miser sit. Num quis igitur quicquam decernit inuitus?

[...] Malo se dignum deputat, nisi miser sit (TUSCULANA, III, 27,65).

Que dizer daquele personagem terenciano 'castigador de si mesmo'? [...] Ele determinou que seria infeliz. Ora, alguém é capaz de se determinar uma sentença? [...] Ele se consideraria digno do mal, se não se tornasse infeliz."

Em *De finibus bonorum et malorum*, obra escrita com o propósito de demonstrar os fins para uma boa conduta na vida humana, os objetivos a perseguir, numa passagem, Cícero elucida, segundo o seu entendimento, o verdadeiro sentido da atitude de Chremes:

Nam, ut Terentianus Chremes non inhumanus, qui novum vicinum non vult 'fodere aut arare aut aliquid ferre denique', non enim illum ab industria, sed ab illiberali labore deterret, sic isti, curiosi, quos offendit noster minime nobis injucundus labor (DE FINIBUS, I, 1, 3).

Portanto, aquele Chremes de Terêncio não é desumano, pois não quer que seu novo vizinho cultive a terra, ou are, ou, enfim, carregue algum fardo; pois não é contra a atividade que se opõe, mas contra o trabalho escravo, como aqueles que são excessivamente cuidadosos, aos quais ofende nosso trabalho não belo, embora não nos ofenda a nós.

Nessa mesma obra, Cícero explica que todo homem se ama, mesmo quando parece que se detesta. Eis no que se resume a personalidade de Menédemo:

Neque enim, si nonnulli reperiuntur, qui aut laqueos aut alia exitia quaerant aut, ut ille apud Terentium, qui decrevit 'tantisper se minus injuriae suo gnato facere (ut ait ipse), dum fiat miser inimicus ipse sibi putandus est. Sed [...] (DE FINIBUS, V, 10, 28-29).

Não se pode objetar que se encontram certos homens que se estrangulam a si próprios ou se matam de qualquer outra forma, ou ainda fazem como o personagem de Terêncio, resolvido, para ser um pai menos injusto para seu filho, como ele diz, a se fazer infeliz, é preciso pensar que ele é inimigo de si mesmo. Mas [...].

Menciona, ainda, a solidariedade dos órgãos no corpo humano, como os membros de uma sociedade:

Ex hoc nascitur, ut etiam communis hominum inter homines naturalis sit commendatio, ut oporteat hominem ab homine ob id ipsum, quod homo sit, non alienum videri (DE FINIBUS, III, 19, 63).

Nasce daí uma vigilância mútua entre os homens, como instituição natural, como convém que um homem, pelo mesmo fato de ser homem, não deve parecer alheio ao outro.

E, para terminar, ainda que provisoriamente, lancemos um olhar para Horácio, que diz que o insensato, quando foge de um vício, ordinariamente se precipita no oposto. Coloca Menédemo como exemplo:

[...] ita ut pater ille, Terenti

Fabula quem miserum gnato vixisse fugato

Inducit, non se pejus cruciaverit atque hit (SATIRAE, I, 2, 20)

[...] assim como aquele pai, na fábula de Terêncio, que induz o filho infeliz a viver foragido, não poderia se castigar mais que isso.

Conclusão

Terêncio foi salvo pelo humanismo de seus protetores e pelo reconhecimento dos que o sucederam. Menédemo, seu personagem, foi auxiliado por Chremes; mais tarde, este foi socorrido por aquele. Menédemo e Chremes são a representação de homens normais, vivendo numa sociedade livre, interessando-se pela sorte uns dos outros, conforme preconiza o humanismo. Terêncio tinha sido escravo, mas não admitiu para seus personagens nem a escravidão voluntária. Mais uma versão da arte que imita a vida.

O tema foi sedutor, a ponto de ocupar tantas linhas de outros escritores, sobretudo de Cícero. Bom seria que continuasse a interessar, mas não só os escritores de hoje, e sim, sobretudo, o homem de hoje, o político de hoje, o governante de hoje.

Referências Bibliográficas

- AFER, Publius Terentius. *Comédias, Vol. II. Heautontimoroumenos*. Texto estabelecido por J. Marouzeau. Paris: Société d'Éditions Les Belles Lettres, 1964.
- AZEVEDO, A. J. da Silva. *Humanitas*. 4. ed. São Paulo: Oliveira Dias Editora.
- CICERO, Marcus Tullius. *De finibus bonorum et malorum*. Texto estabelecido por François Richard. Paris: Garnier.
- _____. *Obras filosóficas, Tomo II. Tusculanae*. Texto estabelecido por George Fohlen. Paris: Société d'Éditions Les Belles Lettres, 1931.
- _____. *De officiis*. Barcelona: Editora Obras Mestras.
- _____. *De republica et de legibus*. Texto estabelecido por Charles Appuhn. Paris: Garnier.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 1. ed. (seg. reimpressão). São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- FLACCUS, Quintus Horatius. *Satirae*. Paris: Société d'Éditions Les Belles Lettres, 1932.
- LAGARDE & MICHARD. *XVIIIème siècle. Les grands auteurs français du programme*. Collection Littéraire. Paris: Bordas, 1966.
- MOLIÈRE. *L'école des femmes*. Paris: Bordas.